



# **A PSICOLOGIA DO SONHO**

**Psicanálise para principiantes**



Sigmund **FREUD**

# **A PSICOLOGIA DO SONHO**

**Psicanálise para principiantes**

Tradução

Maria Silvia Mourão Netto



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do inglês  
*Dream Psychology: Psychoanalysis  
for Beginners*, tradução para o inglês  
autorizada por M.D. Eder

Texto  
Sigmund Freud

Editora  
Michele de Souza Barbosa

Tradução  
Maria Sílvia Mourão Netto

Preparação  
Adriane Gozzo

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Revisão  
Benjamin Sérgio Gonçalves

Diagramação  
Linea Editora

Design de capa  
Ana Dobón

Imagens  
agsandrew/shutterstock.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

F889i	Freud, Sigmund
	A psicologia do sonho: psicanálise para principiantes / Sigmund Freud; traduzido por Maria Sílvia Mourão Netto. - Jandira, SP : Principis, 2022. 160 p. ; 15,50cm x 22,60cm. (Clássicos da Psicologia).
	Título original: Dream psychology, psychoanalysis for beginners ISBN: 978-65-5552-628-8
	1. Psicanálise. 2. Sonhos. 3. Inconsciente. 4. Psicologia. 5. Saúde mental. 6. Consciência. I. Moura Netto, Maria Sílvia. II. Título. III. Série.
2022-0556	CDD 154.63 CDU 159.92

**Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Psicanálise 154.63
2. Psicanálise 159.92

1ª edição em 2022

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

# SUMÁRIO

Introdução .....	7
Os sonhos têm significado .....	13
O mecanismo do sonho.....	27
Por que o sonho mascara os desejos .....	47
Análise do sonho .....	60
O sexo nos sonhos.....	76
O desejo nos sonhos.....	96
A função do sonho .....	114
Processo primário e processo secundário – Regressão .....	128
O inconsciente e a consciência – realidade.....	149





# INTRODUÇÃO

A profissão médica é justificadamente conservadora. A vida humana não deve ser considerada o material certo para experimentos insensatos. Por outro lado, o conservadorismo é, muitas vezes, uma desculpa bem-vinda para mentes preguiçosas, avessas a se adaptarem a mudanças que acontecem rapidamente.

Lembre-mos das reações iniciais de desdém às descobertas de Freud no domínio do inconsciente. Quando, após anos de observações perseverantes, ele enfim decidiu se apresentar perante colegas médicos para, modestamente, relatar alguns fatos bastante recorrentes em seus sonhos e nos sonhos de seus pacientes, primeiro foi alvo de escárnio e, em seguida, rechaçado como excêntrico.

A expressão “interpretação dos sonhos” despertava e ainda desperta inúmeras associações desagradáveis e não científicas que sugerem todas as espécies de noções pueris e supersticiosas tão comuns naqueles livros sobre sonhos que apenas os primitivos e os ignorantes leem.

A riqueza de detalhes e o cuidado infinito para nunca deixar passar algo sem uma explicação, característicos dos resultados das pesquisas que Freud apresentou ao público, impressionam um número cada vez maior

de cientistas sérios, mas o exame de suas evidências exige trabalho árduo e pressupõe uma mente absolutamente aberta.

É por essa razão que ainda encontramos pessoas que desconhecem completamente os escritos de Freud e não têm sequer interesse suficiente pelo assunto para tentar interpretar os próprios sonhos ou os de seus pacientes, zombando das teorias freudianas e combatendo-as com a ajuda de afirmações que o próprio Freud nunca fez. Entre essas pessoas, o professor Boris Sidis, por exemplo, chega, às vezes, a conclusões estranhamente similares às de Freud, mas, na ignorância da literatura psicanalítica, não lhe dá o devido crédito por observações já feitas em momento anterior.

Além daqueles que escarnecem do estudo do sonho porque nunca se dedicaram a tal assunto, há outros que não ousam encarar os fatos revelados pela análise dos sonhos. Os sonhos dizem muitas verdades biológicas desagradáveis a nosso respeito e apenas mentes muito livres podem aproveitar esses conteúdos. O autoengano é uma planta que fenece rapidamente na atmosfera translúcida da análise de um sonho.

Os fracos e os neuróticos, apegados à própria neurose, não têm o menor desejo de lançar um facho de luz tão intenso sobre os cantos obscuros de sua psicologia.

As ideias de Freud não são absolutamente teóricas. Diante do fato de sempre parecer haver íntima relação entre os sonhos dos pacientes e seus desequilíbrios mentais, ele se viu motivado a reunir milhares de sonhos e compará-los com as histórias dos casos que tinha em mãos.

Freud não começou com uma noção preconcebida, na expectativa de encontrar evidências que pudessem corroborar suas ideias, mas encarou os fatos mil vezes, “até que começassem a lhe dizer algo”. Em outras palavras, sua atitude em relação ao estudo do sonho foi a de um estatístico que não sabe – e não tem meios de prever – as conclusões que lhe serão impostas pelas informações que está coletando; mostra-se, porém, plenamente preparado para aceitar essas conclusões inevitáveis.

Sem dúvida, esse era um procedimento novo na psicologia. Como dizia Bleuler, os psicólogos sempre tinham se mostrado dispostos a construir “de



maneira autista”, quer dizer, recorrendo a métodos em nada endossados por evidências, mas por algumas hipóteses atrativas que brotavam em sua mente, tal como Minerva nascida da cabeça de Júpiter, plenamente armada.

É apenas a mentalidades que padecem das mesmas distorções, que funcionam em moldes igualmente autistas, que essas estruturas vazias e artificiais parecem servir a um pensamento filosófico.

A perspectiva pragmática segundo a qual a “verdade é o que funciona” ainda não havia sido formulada quando Freud publicou suas ideias revolucionárias sobre a psicologia dos sonhos. Sua interpretação dos sonhos expôs publicamente cinco fatos de primeira grandeza.

Primeiro, ele apontou uma conexão constante entre alguma parte de todo sonho e algum detalhe da vida do indivíduo durante as horas em que este fica acordado, o que definitivamente estabelece uma relação entre o dormir e a vigília, e descarta a visão predominante de que os sonhos são fenômenos puramente sem sentido, vindos não se sabe de onde e levando a lugar nenhum.

Segundo, após estudar a vida e o modo de pensar do paciente e de registrar todos os seus maneirismos e os detalhes aparentemente insignificantes de sua conduta, reveladores de seus pensamentos secretos, Freud chegou à conclusão de que em todo sonho havia uma possível ou já bem-sucedida gratificação de algum desejo, consciente ou inconsciente.

Terceiro, ele provou que muitas imagens oníricas são simbólicas, o que nos leva a considerá-las absurdas e ininteligíveis. Entretanto, a universalidade desses símbolos os torna transparentes ao observador treinado.

Quarto, Freud mostrou que o desejo sexual desempenha enorme papel em nosso inconsciente, papel que a hipocrisia puritana sempre tentou minimizar, quando não o ignorou por completo.

Por fim, Freud definiu uma relação direta entre sonhos e insanidade, entre as imagens simbólicas dos nossos sonhos e os atos simbólicos dos mentalmente desequilibrados.

Naturalmente, Freud fez muitas outras observações enquanto dissecava os sonhos de seus pacientes, mas nem todas despertam tanto interesse

quanto as enunciadas, nem foram tão revolucionárias ou capazes de exercer tanta influência na psiquiatria moderna.

Outros pesquisadores enveredaram pelo caminho até o inconsciente humano desbravado por Freud. Jung, de Zurique, Adler, de Viena, e Kempf, de Washington, D.C., ofereceram ao estudo desse campo contribuições que os levaram a direções que o próprio Freud nunca sonhara sondar. Há, porém, um fato que não se pode enfatizar: se não fosse a teoria freudiana do sonho como realização do desejo, nem a teoria junguiana da “energia psíquica”, nem a do “complexo de inferioridade e da compensação”, de Adler, nem a do “mecanismo dinâmico”, de Kempf, teriam sido formuladas.

Freud é o pai da psicopatologia moderna e fundou a perspectiva psicanalítica. Quem não possui sólido conhecimento dos princípios freudianos não pode aspirar construir um trabalho de mérito no campo da psicanálise. Em contrapartida, que ninguém repita a afirmação absurda de que o freudismo é uma espécie de religião limitada por dogmas, a qual requer um ato de fé. Em si, o freudismo foi apenas um estágio no desenvolvimento da psicanálise, estágio do qual brotaram somente uns poucos seguidores fanáticos, totalmente desprovidos de originalidade. Milhares de pedras foram acrescentadas à estrutura erguida pelo médico vienense, assim como muitas mais o serão com o passar do tempo. Os novos acréscimos a essa estrutura, contudo, cairiam por terra, como um castelo de cartas, não fossem os alicerces originais, tão indestrutíveis quanto a descrição da circulação sanguínea feita por Harvey.

Sejam quais forem as adições ou as mudanças feitas na estrutura original, o ponto de vista analítico permanece intacto e não está apenas revolucionando todos os métodos de diagnóstico e tratamento de distúrbios mentais como também motivando os médicos inteligentes e atualizados a revisar por completo sua atitude perante quase todos os tipos de doença.

Os insanos não são mais pessoas sem sentido, dignas de pena, a serem confinadas em instituições até que a natureza as cure ou, por meio da morte, as poupe de seus sofrimentos. Aqueles que não se tornaram insanos por danos físicos ao cérebro ou ao sistema nervoso são vítimas de forças

inconscientes que os levam a executar atos anormais que poderiam realizar normalmente, desde que com ajuda.

O entendimento profundo da psicologia do indivíduo está substituindo com êxito o tratamento à base de sedativos e repouso. Médicos que tratam casos “puramente” físicos começaram a encarar, com a devida consideração, os fatores “mentais” que predispueram o paciente a certos transtornos.

As concepções de Freud também suscitaram a revisão de todos os inevitáveis valores éticos e sociais, além de lançarem um inesperado facho de luz sobre realizações literárias e artísticas. Porém, o ponto de vista freudiano – ou, em termos mais amplos, o ponto de vista psicanalítico – permanecerá para sempre um quebra-cabeça para aqueles que, por preguiça ou indiferença, se recusarem a estudar com o grande vienense o campo que, com tanto cuidado, ele desbravou. Jamais ficaremos convencidos até repetirmos, sob sua orientação, todos os seus experimentos clínicos.

Devemos seguir seus passos através dos matagais do inconsciente, do território nunca mapeado porque filósofos acadêmicos, adotando a postura do mínimo esforço, decidiram, *a priori*, que não poderia sê-lo.

Após esgotarem seu estoque de informações sobre terras distantes, antigos geógrafos entregavam-se a um anseio nada científico pelo romance e, sem nenhuma evidência para corroborar seu devaneio, preenchiam os espaços em branco de seus mapas exibindo trechos inexplorados com dizeres do tipo: “Aqui há leões”. Graças à interpretação dos sonhos proposta por Freud, a *royal road* de acesso ao inconsciente está agora aberta a todos os exploradores. Eles não encontrarão leões, mas, sim, o próprio homem e o registro de toda a sua vida e de seus embates com a realidade. E só depois de enxergarmos o indivíduo tal como seu inconsciente – revelado em seus sonhos – é que poderemos compreendê-lo totalmente, pois, como disse Freud a Putnam: “Somos o que somos porque fomos o que fomos”.

No entanto, não foram poucos os estudiosos sérios dissuadidos de tentar se debruçar sobre a psicologia do sonho apresentada por Freud. O livro em que ele ofereceu originalmente ao mundo sua interpretação dos sonhos era um registro igualmente circunstancial e legítimo para ser

## SIGMUND FREUD

analisado sem pressa pelos cientistas, e não para ser assimilado em poucas horas pelo leitor médio atento. Naquele tempo, Freud não podia deixar de fora nenhum detalhe capaz de tornar aceitável, por suas evidências, a todos aqueles dispostos a estudar esses dados, uma tese tão radicalmente inovadora.

Contudo, o próprio Freud se deu conta da magnitude da tarefa imposta pela leitura de sua obra-prima a quem não tivesse sido preparado para tanto por meio de longo treinamento científico e psicológico. Assim, abstraiu daquele trabalho gigantesco as partes que constituem o essencial de suas descobertas.

Os editores do presente volume merecem crédito por apresentarem ao público leitor o essencial da psicologia freudiana nas palavras do próprio mestre e em formato que não desencoraja o principiante nem parece elementar demais a quem já está mais avançado no estudo da psicanálise.

A psicologia do sonho é o elemento central dos trabalhos de Freud e de toda a psicologia moderna. Com um manual simples e compacto como *A psicologia do sonho*, não haverá mais desculpas para ignorar o mais revolucionário sistema dos tempos modernos.

ANDRÉ TRIDON

Novembro de 1920

Autor das obras *Psychoanalysis; Its History, Theory and Practice*, *Psychoanalysis and Behavior* e *Psychoanalysis, Sleep and Dreams*



## **OS SONHOS TÊM SIGNIFICADO**

No período que podemos chamar de “pré-científico”, as pessoas não tinham dúvidas quanto à interpretação dos sonhos. Quando os sonhos eram lembrados por elas ao acordar, eram entendidos como manifestação amistosa ou hostil de algum poder superior, demoníaco ou divino. Com o advento do pensamento científico, toda essa expressiva mitologia foi transferida para a psicologia. Hoje, entre grupos instruídos, é minoria aqueles que duvidam de que o sonho seja um ato psíquico de quem sonha.

No entanto, desde que a hipótese mitológica deixou de valer, tem feito falta a existência de uma interpretação dos sonhos, incluindo as condições de sua origem; a relação com nossa vida psíquica quando estamos acordados; a independência no que se refere aos distúrbios que, durante o sono, parecem demandar atenção; as muitas peculiaridades que nosso pensamento em vigília considera estranhas; a incongruência entre as imagens e os sentimentos que desperta; a própria fugacidade do sonho; e a maneira como, ao despertar, nossos pensamentos o tomam como algo bizarro e nossas reminiscências o mutilam ou rejeitam. Há vários séculos, todos esses e muitos outros problemas têm pedido uma explicação que,

até este momento, nunca puderam ser satisfeitas. Antes de tudo, há a questão do significado do sonho, uma questão dupla em si. Primeiro, há o significado psíquico do sonho, sua posição em relação aos processos psíquicos e a uma possível função biológica; segundo, será que o sonho tem significado? Pode-se encontrar sentido num único sonho, assim como em outras sínteses mentais?

Podem-se observar três tendências na avaliação dos sonhos. Inúmeros filósofos deram crédito a uma delas: aquela que, ao mesmo tempo, preserva, em parte, a antiga supervalorização do sonho. Para esses pensadores, a base da vida onírica é um estado peculiar da atividade psíquica, inclusive celebrada por eles como elevação a algum estado superior. Por exemplo, Schubert afirma: “O sonho é a liberação do espírito das pressões da natureza externa, a alma soltando-se dos grilhões da matéria”. Nem todos vão tão longe, mas muitos defendem que os sonhos têm origem em estímulos espirituais reais e são manifestações exteriores de poderes espirituais cuja livre movimentação esteve sujeita a obstáculos durante o dia (“fantasias oníricas”, Scherner, Volkelt). Um grande número de observadores reconhece que a vida onírica é capaz de feitos extraordinários – em certas áreas, ao menos (“memória”).

Em acentuada contradição a essa perspectiva, a maioria dos autores médicos dificilmente admite que o sonho seja algum tipo de fenômeno psíquico. De acordo com eles, os sonhos são exclusivamente provocados e iniciados por estímulos oriundos dos órgãos dos sentidos ou do corpo e afetam, de fora, a pessoa que sonha, ou são perturbações acidentais de seus órgãos internos. O sonho não tem mais significado ou importância que o som produzido pelos dez dedos de alguém que desconhece música e os desliza pelo teclado de um instrumento. De acordo com Binz, o sonho deve ser considerado “um processo físico, sempre inútil e frequentemente mórbido”. Todas as peculiaridades da vida onírica são explicáveis como o esforço incoerente, resultante de algum estímulo fisiológico, de certos órgãos ou dos elementos corticais de um cérebro que, fora isso, dorme.

Já a visão popular, pouco influenciada pela perspectiva científica e desinteressada da origem dos sonhos, sustenta, sem hesitação, a opinião de que eles realmente têm significado, preveem o futuro de alguma forma e seu conteúdo, em geral bizarro e enigmático, tem um sentido que pode ser desvendado de algum modo. A leitura dos sonhos consiste em substituir os eventos oníricos – tal como são lembrados – por outros. Isso tanto pode ser feito cena a cena (*de acordo com chaves rígidas*) quanto o sonho todo pode ser substituído por outra coisa da qual é *símbolo*. Pessoas sérias riem desses esforços: “Os sonhos não passam de espuma do mar!”.

Certo dia, descobri, para minha surpresa, que a noção popular, baseada em superstições, e não a perspectiva médica, estava mais perto da verdade sobre os sonhos. Cheguei às novas conclusões sobre o sonho utilizando um novo método de investigação psicológica que tem me prestado bons serviços no estudo de fobias, obsessões, ilusões e processos correlatos. Esse método, que denomino “psicanálise”, obteve a aceitação de toda uma escola de pesquisadores. As múltiplas analogias entre a vida onírica e as mais diversas condições da doença psíquica em estado de vigília têm sido corretamente endossadas por diversos estudiosos médicos. Portanto, pareceu válido, *a priori*, aplicar à interpretação dos sonhos os métodos de investigação que haviam sido testados em processos psicopatológicos. As obsessões e as sensações típicas do temor obsessivo permanecem tão estranhas à consciência normal quanto os sonhos o são à nossa consciência em vigília, para a qual sua origem é tão desconhecida quanto a dos sonhos. Foi por motivos práticos que nos vimos compelidos a discernir a origem e a formação dessas doenças. A experiência nos mostrou que a cura e o subsequente domínio das ideias obsessivas podiam ser alcançados tão logo eram revelados os pensamentos, os elos entre as ideias mórbidas e o restante do evento psíquico, até então não percebidos pela consciência. Desse modo, o procedimento que adotei para a interpretação dos sonhos decorreu da psicoterapia.

Esse é um procedimento que se descreve rapidamente, embora praticá-lo exija treinamento e experiência. Vamos supor que o paciente esteja